



Ilustração: Cassiana Paula Cominato

# **A afrocentricidade em Ferréz e Kiusam de Oliveira e suas características narrativas**

**Valdeci Antonio dos Santos**

Analista de Informação, Cultura e Desportos  
CEU Guarapiranga - DRE Campo Limpo

# RESUMO

**E**ste artigo faz uma análise das narrativas utilizadas na Literatura Infantil Afrocentrada, especificamente nos livros Amanhecer Esmeralda, do autor Ferréz, e O mundo no Black Power de Tayó, da autora Kiusam de Oliveira, procurando identificar se as características narrativas apresentadas estão de acordo com aquelas defendidas por Walter Benjamim e Nicolau Sevchenko. Procura ainda verificar se tais obras são capazes de cumprir os objetivos de valorização dos traços culturais de africanos e afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira por meio de suas características narrativas. Identificando-se, dentre as características das obras, aquelas adequadas para se trabalhar nas salas de aula da Educação Básica sob os aspectos exigidos pela Lei nº 10.639/03.

**Palavras-chave:** afrocentricidade; narrativa; literatura infantil.

# Introdução

Atualmente, diferente de alguns anos atrás, os acervos de bibliotecas públicas infantis, bibliotecas escolares e salas de leituras das escolas públicas possuem um número significativo de títulos de livros voltados para as questões étnico-raciais. Estes títulos surgiram, principalmente, a partir da conquista, por parte dos movimentos negros, da Lei nº 10.639/03, que determinou a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica.

A partir de meu contato com os textos sobre narrativas produzidos pelos autores Walter Benjamin e Nicolau Sevchenko, surgiu a ideia de escrever este artigo, que tem como objetivo conhecer os conceitos que embasam o desenvolvimento da literatura infantil afrocentrada; analisar a narrativa desenvolvida a partir do pensamento dos dois autores citados e, por fim, verificar se a literatura infantil afrocentrada tem potencial para cumprir seu objetivo que é a valorização dos elementos culturais e étnicos dos povos africanos e afro-brasileiros.

O desenvolvimento deste trabalho foi possível a partir da leitura de artigos sobre o conceito de afrocentricidade, que procuram explicar as bases para o desenvolvimento de literatura e outros materiais voltados para a questão étnico-racial. Após o entendimento do conceito, foi feita a leitura dos livros Amanhecer Esmeralda, de Ferréz, e O Mundo no Black Power de Tayó, de Kiusam de Oliveira, e analisados sob as ideias teóricas defendidas nos textos: O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, de Walter Benjamin e No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa, de Nicolau Sevchenko.

A hipótese formulada aqui parte do princípio de que as obras de literatura infantil apresentadas possuem características narrativas em conformidade com as ideias teóricas citadas, sendo assim capazes de despertar em seus leitores e ouvintes as emoções desejadas por seus autores. Cumprindo, portanto, um papel fundamental na conscientização da importância da ancestralidade, dos valores e das tradições africanas e afro-brasileiras para a formação de nossa cultura.

## Afrocentricidade na literatura infantil

A promulgação da Lei nº 10.639/03, em janeiro de 2003, que tinha como objetivo principal a obrigatoriedade da presença de conteúdos de História e Cultura Afro-

-Brasileira e Africana em todas as disciplinas da Educação Básica trouxe consigo outra discussão fundamental naquele momento. Tal discussão girava em torno da

escassez de material didático apropriado para a implantação da lei nos currículos das escolas brasileiras. Faltavam materiais adequados em todas as áreas do conhecimento. Os materiais que eram utilizados traziam consigo uma ideia eurocêntrica e, portanto, não davam conta de tratar o protagonismo de povos não europeus na formação da cultura brasileira.

Para tentar suprir tais necessidades, grupos de estudiosos e pesquisadores recorreram ao conceito de afrocentricidade, discutido desde o século XIX. Porém, para efeitos deste trabalho, será situado a partir da definição de Molefi Asante, na década de 1980. Segundo ele,

*Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem e cultura de acordo com seus próprios interesses humanos. (ASANTE, 2009, p. 93 apud SANTOS JUNIOR, 2010, p. 2).*

A ideia da afrocentricidade recebeu muitas críticas por ser interpretada, principalmente por africanistas europeus, como sendo uma versão africana do eurocentrismo, porém seus defensores argumentam que ao contrário do eurocentrismo que se baseia na hegemonia cultural de supremacia branca, a afrocentricidade não defende a ideia de uma cultura superior à outra, mas sim a valorização da

cultura africana como protagonista de sua própria história. Neste sentido, segundo Santos Junior,

*O que inclui africanas(os) no terreiro da afrocentricidade é a valorização de suas tradições ancestrais, um posicionamento consciente da necessidade de localizar os fenômenos e de promover a agência que se traduzem nas mais variadas formas de resistência à aniquilação psicológica, cultural, política e econômica dos povos africanos. (SANTOS JUNIOR, 2010, p. 5).*

Portanto, uma pessoa (estudioso, escritor, etc.) pode ser chamada de afrocentrada se seus trabalhos buscam o respeito e a valorização da cultura africana ou afro-brasileira a partir de suas próprias referências históricas e culturais sem nenhum desmerecimento às outras. Desta forma, ser uma pessoa afrocentrada tem mais a ver com o foco de sua pesquisa ou seu trabalho e menos com sua origem, enfatizando ainda que a pessoa pode ser afrodescendente ou africano e, mesmo assim, não ser afrocentrada.

Este trabalho não tem como objetivo fazer uma discussão sobre a questão da afrocentricidade, por isso, após esta breve explicação do conceito, voltamos à questão da falta de material para se trabalhar dentro dos parâmetros da Lei nº 10.639/03. A partir do exposto, muitos trabalhos em diversas áreas foram desenvolvidos. Atualmente, após 18 anos da promulgação da Lei, já há vasta disponibilidade de materiais apropriados para trabalhar a questão.

Dentro do contexto da literatura infantil, encontramos várias coleções e títulos que buscam colocar em evidência esse protagonismo dos povos afro-brasileiros na construção de nossa própria história. Tais trabalhos buscam a valorização das culturas afro por meio da desconstrução de conceitos paradigmáticos que não levam em conta a participação da nossa herança africana na construção de nossa identidade.



Buscando através de novos conceitos, novos olhares sobre as tradições de matrizes africanas, não apenas em relação às crenças, mas também nas posturas de empoderamento e valorização de traços físicos. Para isto, buscam na ancestralidade explicação para vestimentas, cortes de cabelo, etc.

Pesquisando sobre obras da literatura infantil com estas características, encontramos diversos títulos com várias temáticas diferentes. Apenas para efeito de exemplo, podemos destacar uma coleção feita por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, que adaptaram os contos de fadas para a temática afro, situando os personagens em ambientes históricos brasileiros e adaptando a história narrada a fatos históricos; ou Menina bonita do laço de fita, que é uma história de Ana Maria Machado, que também aborda a valorização da beleza a partir das características da per-

sonagem negra. Porém, sobre este último, não há consenso sobre esta valorização, pois embora a beleza da menina seja enfatizada, a personagem negra aparece de forma passiva na história e não ocupa um lugar de protagonista pensante, sequer tem nome. Embora seja uma das obras pioneiras nesta temática, Menina bonita de laço de fita parece não corresponder às características necessárias a uma obra de literatura infantil afrocentrada.

Para este trabalho, por critérios que procuram situar o autor dentro do contexto de sua própria obra, foram escolhidas duas obras da literatura infantil: o livro Amanhecer Esmeralda, do escritor paulistano, morador do Bairro de Capão Redondo, Ferréz; e o livro O Mundo no Black Power de Tayó, da professora da Universidade Federal do Espírito Santo, nascida em Santo André-São Paulo, Kiusam de Oliveira.

## Autores e suas obras

Ferréz é o nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva. O nome faz referência a Virgulino Ferreira, o Lampião, e a Zumbi dos Palmares. O escritor romancista, contista e poeta é nascido em São Paulo e mora no Bairro de Capão Redondo, está ligado à corrente denominada Literatura Marginal, por ser desenvolvida nas periferias das grandes cidades brasileiras e tratar de assuntos ligados a este universo, estando, portanto, fora do circuito das grandes livrarias e mercado literário. O autor já publicou vários livros sobre a temática da periferia, sendo o mais conhecido deles, Capão Pecado. Também participa do Movimento Hip Hop e na promoção de eventos culturais na periferia.

Amanhecer Esmeralda foi o primeiro livro infantil do autor, conta a história de Manhã, uma menina negra, pobre e so-

nhadora que, mesmo enfrentando um cotidiano de muita pobreza, consegue levar beleza a todos ao seu redor. A história se passa numa escola pública do Jardim das Rosas, um distrito do Capão Redondo, onde está localizada a favela que a personagem mora. Ajudada pelo professor Marcão e por uma merendeira da escola, a dona Ermelinda, Manhã toma conhecimento de suas raízes africanas, fato que provoca uma transformação na sua autoestima e contagia as pessoas da localidade. O livro fala sobre empoderamento da mulher negra e também sobre a coletividade da periferia.

Kiusam Regiane de Oliveira, nascida em Santo André, no Estado de São Paulo, é Professora da Universidade Federal no Espírito Santo. Possui Mestrado em Psicologia e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, sendo tam-

bém Especialista em Educação Especial. Atuou como assessora na Secretaria de Cultura de Diadema, nos assuntos da cultura voltada para as questões de gênero e raça, tendo como foco a dança e, atualmente, é assessora da Academia Estudantil de Letras, na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

O livro *O Mundo no Black Power* de Tayó tem como tema central uma menina de seis anos e seu belo cabelo black power, que é relacionado ao universo da memória ancestral africana e às tradições culturais vigentes na diáspora. E, novamente, emerge a valorização do corpo e da identidade

negra como forma de questionamento de estereótipos racistas.

As duas obras têm em comum alguns elementos que as caracterizam como literatura afrocentrada, pois procuram fortalecer o sentimento de identidade de seus personagens com suas ancestralidades africanas, a partir de elementos fundamentais como as tranças dos cabelos, as danças, entre outros. Além dessas semelhanças, as duas obras têm ainda uma aproximação que se dá pelo tipo das narrativas empregadas e pela origem de seus autores, que se aproxima do universo de seus personagens.

## A importância da narrativa

Para falarmos da narrativa, utilizaremos os textos de Walter Benjamin, *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, e o de Nicolau Sevcenko, *No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa*. Ambos tratam da narrativa como instrumento útil na preservação da coesão e do sentimento de pertencimento entre os membros do grupo.

O texto de Walter Benjamin, escrito em 1985, se constitui como uma análise da obra do escritor Nikolai Leskov para defender a tese de que a arte de narrar histórias está em extinção. Para o autor, a guerra fez com que os combatentes ficassem mais pobres em experiência comunicável, trazendo com isso um empobrecimento da narrativa. Segundo Benjamin, numa visão pessimista sobre a narrativa em tempos atuais, a arte de narrar vem perdendo força ao longo da história e caminha para a extinção. Apon-ta ainda dois fatores que contribuíram para essa decadência: a difusão do romance e da informação. O romance, por estar diretamente relacionado ao livro escrito, traz consigo uma característica solitária, o lei-

tor do romance não compartilha a história com outras pessoas. Portanto, o indivíduo que lê romance é uma pessoa isolada que não recebe conselhos, mas também não sabe dar. Diferente disso é a narrativa que tem por base a tradição oral, a conversa entre pessoas. Neste sentido, segundo ele, as melhores narrativas escritas são aquelas que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores orais.

Para Benjamin, a arte de narrar está diretamente ligada ao conceito de sabedoria, o bom narrador é antes de tudo um sábio. A narrativa deve ser vista como “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIM, 1987, p. 205), no sentido de que para fazer uma boa narrativa precisa pensar e elaborar, como se faz em qualquer trabalho manual. A narrativa está em decadência porque a sabedoria também está. Neste sentido, ele nos fornece dois exemplos de bons narradores: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Enquanto o primeiro conhece o país sem sair do lugar através de suas tradições e costumes, o segundo é aquele que vem de longe e traz

novos conhecimentos. Assim, só podemos pensar em uma boa narrativa se considerarmos as duas formas de conhecimento.

O texto de Nikolau Sevchenko busca uma ligação entre as raízes xamânicas de sociedades primitivas com a origem da narrativa. Para ele, naquelas sociedades, o xamã desenvolvia uma atividade de fundamental importância na formação e coesão do grupo. No princípio era o ritmo, que se refere às batidas dos tambores utilizados para provocar o transe nos indivíduos, que tinha como finalidade despertar os sentimentos de identidade e pertencimento. A partir do ritmo, o xamã exerce uma espécie de liderança que unifica o grupo socialmente, alimentando-o no sentido da prática da interação entre indivíduos dentro de suas famílias, e as famílias interagindo no grupo, naquela já espécie de comunidade primordial. Para ele, “a narrativa é uma performance integral, desencadeada e centrada pelo xamã; sendo coletiva, se torna



irresistível” (SEVCHENKO, 1988, p. 126), agindo como uma experiência de vida para todo o grupo.

Para Sevchenko, nas sociedades modernas, os grupos (tribos) culturais se desintegraram dando origem às culturas hegemônicas que procuram ignorar ou mesmo esquecer as raízes culturais de grupos minoritários.

## Análise das narrativas

Após a apresentação das obras e seus atores, assim com um breve resumo dos textos em questão, passamos agora ao objetivo deste trabalho que é analisar se os livros de literatura infantil citados possuem as características básicas essenciais para uma boa narrativa, segundo os pensamentos de Nicolau Sevchenko e Walter Benjamin. Para isso, serão utilizados trechos dos textos a fim de identificar partes das narrativas dos que se encaixam nestas características, seguidas de um breve comentário explicando os pontos de convergências entre a teoria e as narrativas práticas.

O primeiro ponto a ser destacado aqui é a questão da experiência do narrador. Para Benjamin, a narrativa está em baixa porque a experiência também está. “A experiência

que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p.198). Neste ponto, o autor expõe a necessidade que o narrador tem de fazer parte do contexto onde a história é narrada, seja presenciando-a, seja se integrando ao imaginário dos seus ouvintes.

Seguindo esta mesma linha de pensamento focado na experiência, Sevchenko, ao falar das formas de analisar uma narrativa, menciona que,

*O lugar de onde ela é anunciada, a pessoa que a emite, os símbolos que subjazem à situação da exposição são muito mais significativos e imprescindíveis para se fazer uma avaliação conjunta e complexa do que seja esse sistema de narrativa. (SEVCHENKO, 1988, p. 120).*



Entendemos assim que o bom narrador ou mesmo a boa história a ser narrada deve fazer parte do convívio da comunidade, da visão de mundo das pessoas a quem se dirige e despertar interesse através do sentimento de pertencimento e de proximidade. Neste sentido, os autores das obras aqui citadas parecem estar bem próximos destas características, pois tanto Ferréz quanto Kiusam de Oliveira possuem ampla experiência no contexto do público aos quais seus livros são dirigidos. O primeiro pelo próprio bairro onde mora, seu convívio com a comunidade e, provavelmente, com sua experiência como aluno de escola pública da periferia, onde a maior parte dos alunos são pobres e, em sua maioria, pretos. Na obra de Ferréz, sua personagem Manhã pode, hipoteticamente falando, ter sido sua colega de classe ou mesmo uma parenta próxima. Já a professora Kiusam, por sua vez, traz uma grande bagagem das experiências vividas em sua própria área de atuação como educadora e contadora de histórias, trabalhando com crianças ainda pequenas que, na maioria das vezes, não encontram representatividade nas histórias clássicas contadas na escola, em que as princesas, príncipes e heróis são sempre brancos e loiros.

Ferréz começa sua história narrando, detalhadamente e com propriedade de causa, o início do dia de alguém que tem nove anos, é pobre e está submetido a condições precárias de sobrevivência. Como demonstra o trecho a seguir:

*Manhã acordou cedo mais uma vez, era sexta-feira, dia de alegria para todas as*

*crianças que estudavam.*

*Foi até a pequena mesa, feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes, e não viu nenhum embrulho.*

*Era mais um dia sem pão.*

*Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro.*

*Nada (FERRÉZ, 2014, p. 7-8).*

Mesmo se tratando de uma obra de ficção, ou seja, uma criação livre do autor, parece bastante difícil que detalhes bem específicos quanto estes pudessem ser narrados por alguém que não conhecesse contextos semelhantes. Ao ler ou ouvir este início de história, muitos alunos de escolas públicas não só da periferia de São Paulo, mas de várias outras grandes e pequenas cidades brasileiras, podem passar a sentir interesse pela história, porque de alguma maneira se identificam com ela.

Por sua vez, Kiusam é mais direta, começa sua história fazendo a apresentação de sua personagem.

*Tayó tem seis anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua alegria contagiava a todos que perto dela ficam.*

*Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca BELEZAS INFINITAS (OLIVEIRA, 2013, p. 8, grifo do autor).*

A partir deste começo, a autora continua exaltando e fazendo comparação de forma poética da beleza da menina com os elementos naturais. Se pensarmos no contexto da Educação Infantil, lugar em que as meninas negras já chegam com sua autoestima baixa devido a toda uma estrutura racista, que não valoriza os negros, podemos perceber que a intenção da autora é ir direto à questão da valorização das características negras de sua personagem, buscando despertar a autoestima de seu público.

Portanto, nos parece que ambos os autores têm conhecimento do contexto do público a quem se dirigem e procuram cada um de sua maneira atingir seus objetivos, através de uma narrativa apropriada. Desta



forma, cumprem o requisito da experiência defendido por Benjamim e por Sevchenko.

Outro ponto a ser analisado aqui é o caráter utilitário da narrativa. Benjamim, explicando o senso prático que toda narrativa deve buscar, exemplifica citando alguns autores e quais as suas preocupações, afirma que “tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária” (BENJAMIM, 1987, p. 200). Neste sentido, as narrativas trazem uma dimensão moral que lhes dão sentido. Salienta ainda que um bom narrador é aquele que sabe dar conselhos e para dar conselhos necessitamos de experiência e sabedoria.

Esta experiência e sabedoria, podemos identificar também no texto de Sevchenko, porém de forma mais sucinta, quando ele se refere à importância dos Xamãs para suas comunidades. “Cabe ao Xamã imprimir nos homens as feições indelévels da identidade social da cultura a que pertencem” (SEVCHENKO, 1988, p. 126). Quando falamos em identidade social, falamos de costumes, crenças e tradições, que requerem experiência e vivência para serem mantidas. Portanto, nos parece que ambos os autores estão falando de termos que se aproximam e que podem ser traduzidos como caráter utilitário da narrativa.

Lembrando que o termo afrocentricidade procura destacar a importância das heranças afro para a constituição de nossa cultura e, conseqüentemente, valorizar nossa ancestralidade africana. Analisamos agora este caráter utilitário em nossos livros de literatura infantil.

No livro do Ferréz, esta valorização das heranças africanas aparece em alguns trechos, um deles é quando o professor Marcão, após identificar que a aluna Manhã passava por dificuldades em sua casa, onde tinha um pai ébrio e uma mãe empregada doméstica, que passava a maior parte do dia fora de casa, resolve ajudar a garota lhe presenteando com um vestido verde-esme-

ralda. Em seguida, ele apresenta Manhã à merendeira dona Ermelinda. Esta por sua vez diz à menina: “–Você é muito bonita mesmo! O Marcão fez a maior propaganda dos seus traços africanos” (FERRÉZ, 2014, p. 28). Em outro trecho, “Enquanto fazia as tranças, dona Ermelinda falava sobre as raízes africanas dos negros. Disse que Manhã devia ser descendente de uma linda rainha, de algum dos reinos a que pertenciam os negros escravizados trazidos para cá” (FERRÉZ, 2014, p. 32). Percebe-se assim, que enquanto dona Ermelinda realça estas características físicas da menina, ela também procura exaltar a herança de seus antepassados africanos, trabalhando assim sua autoestima. A felicidade e a alegria da garota após esta conversa com a merendeira desencadeia uma mudança de postura em sua família e até mesmo na comunidade. Ao ver sua filha tão bonita, o pai resolve reformar o barraco onde mora, seguido por seus vizinhos, e em pouco tempo toda a favela ganha novas cores e o ambiente como um todo sofre uma transformação.

Enquanto que em *O Mundo no Black Power* de Tayó, o próprio título já nos chama a atenção para a valorização dos traços africanos. O título faz referência ao estilo do penteado que a garota Tayó utiliza, que é muito utilizado por integrantes de movimentos negros, inclusive pelos membros do Movimento Panteras Negras, atuante nos Estados Unidos dos anos 1960 e 1970, porém nos trechos da narrativa apresentados a seguir a autora expõe de forma poética sua verdadeira intenção ao escrever a obra.

*Quando retorna para casa pensativa com toda a falta de gentileza de seus colegas, TAYÓ projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias do sequestro dos africanos e das africanas, sua vinda à força para o Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso está bem guardadinho lá no fundo da sua alma. (OLIVEIRA, 2013, p. 28).*

*Mas, quando recupera seu bom humor, é capaz de transformar todas as LEMBRANÇAS tristes em pura alegria, projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de história e todos os saberes, demonstrando que nem correntes nem grilhões conseguiram aprisionar a ALMA POTENTE DOS SEUS ANTEPASSADOS. (OLIVEIRA, 2013, p. 31, grifo do autor).*

No primeiro trecho, a narrativa trabalha com a memória, lembrando a forma perversa do processo de escravização dos africanos, que foram sequestrados em suas terras e trazidos à força para o Brasil. Enquanto que, no trecho seguinte, quando a garota está alegre, a narrativa se encarrega da valorização de todos os elementos

culturais que esta mesma transposição dos africanos escravizados nos proporcionaram. A autora utiliza ainda do recurso das fontes em caixa alta para enfatizar a importância dos antepassados neste processo de identificação com nossas raízes.

O último ponto a ser analisado diz respeito ao caráter artesanal da narrativa. Para Benjamin, “é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIM, 1987, p. 205), pois o narrador imprime sua própria marca na narração, contando a história quadro a quadro, em seu próprio ritmo. O autor compara a

função do narrador aos trabalhadores manuais que fabricavam os objetos com suas próprias mãos, etapa por etapa, até obter um produto final e acabado. Nos trabalhos manuais, os trabalhadores desenvolvem uma relação muito próxima com o objeto fabricado. É esta relação íntima com a história narrada que Benjamim espera encontrar nos bons narradores.

Para falarmos desta característica da narrativa como forma artesanal de comunicação nos livros aqui expostos, além de seus autores (Ferréz e Kiusam de Oliveira), não podemos deixar de destacar os trabalhos de seus ilustradores. Amanhecer Esmeralda foi ilustrado por Rafael Antón; e O Mundo no Black Power de Tayó por Taísa Borges. Em ambos os livros, seus ilustradores acompanham a narrativa escrita quadro a quadro, página a página, mostrando cada detalhe e cada expressão narrada pelo autor, fazendo um trabalho de excelente nível, provocando emoção e curiosidade em seus leitores.

Em Amanhecer Esmeralda, após a transformação de Manhã ter contagiado sua família e seus vizinhos, eles resolveram fazer um mutirão para cimentar a rua. O autor narra da seguinte forma:

*A rua inteira viu dona Tonha pintar o barraco, e alguns moradores começaram a se lembrar de coisas que deviam fazer a muito tempo.*

*Um se lembrou de fazer uma cerca na frente, o outro de pôr uma caixa-d'água na laje. O sô Toin, dono do depósito, ficou tão contente com as vendas que propôs aos moradores fazerem um mutirão e calçarem a rua.*

*Em poucos dias, todos se reuniram e trabalharam muito espalhando concreto, afinal as casas estavam pintadas e não podiam ficar numa rua toda de barro. (FERRÉZ, 2014, p. 43).*

No complemento da página, a ilustração mostra as movimentações das pessoas



trabalhando, conversando e pintando suas casas. Uma perfeita combinação entre a história escrita e a ilustrada, proporcionando uma narrativa única.

A mesma situação pode ser vista em *O Mundo no Black Power* de Tayó, em menor intensidade, mas com a mesma qualidade ilustrativa. Como exemplo, no trecho a seguir que narra o encontro entre Tayó e sua mãe que também usa o penteado black power.

*Quando amanhece, TAYÓ acorda com uma alegria capaz de contagiar toda a cidade onde mora. Seu corpo se ilumina. Olha para sua mãe, linda como ela, e tem a certeza de que nasceu mesmo de uma RAINHA. (OLIVEIRA, 2013, p. 35, grifo do autor).*

## Considerações finais

O conceito de afrocentricidade, ao contrário do que diz seus críticos, não se parece com um “eurocentrismo invertido”, ele não dissemina a ideia de supremacia de uma raça sobre outra. Ele defende a ideia da atuação de africanos e africanas como sujeitos ativos na construção de nossa identidade cultural por meio da preservação de valores, costumes e tradições.

Tanto o autor Ferrez, quanto a autora Kiusam de Oliveira demonstram, em seus respectivos livros possuírem as experiências necessárias dentro do contexto de suas histórias e de seus públicos para serem chamados de bons narradores, segundo as ideias de Benjamim.

Ambas as histórias analisadas possuem um caráter utilitário em suas narrativas, que é a elevação da autoestima de meninos e meninas negras por meio da valorização da ancestralidade, dos costumes e das tradições africanas.

Ao lado, a ilustração mostra Tayó e sua mãe se abraçando com um olhar de orgulho mútuo. Mais uma vez combinando as histórias escritas e ilustradas, de forma muito bem elaborada.

Nos aspectos aqui analisados, é possível encontrar várias semelhanças entre a teoria de Benjamim e Sevchenko e as narrativas escritas por Ferréz e Kiusam de Oliveira, o que nos leva a refletir sobre a questão da decadência da narrativa. Porém, ambas as histórias necessitam ser contadas por pessoas que saibam transmitir a narrativa adequadamente, pois parte da qualidade da narrativa reflete na forma como é contada, a tradução da escrita para a fala também requer preparação e conhecimento.

Quanto ao caráter artesanal da narrativa, cada autor da sua maneira demonstra possuir esta característica pelos detalhes e ritmos utilizados em suas escritas. Neste quesito, também devem ser reconhecidas as qualidades narrativas feitas pelas ilustrações das obras. O trabalho dos ilustradores é fundamental para a construção da obra narrativa.

As obras literárias em questão podem ser consideradas boas narrativas escritas, segundo as teorias estudadas, porém, quando contadas, necessitam que seus contadores também desempenhem o papel de bons narradores, para chamar a atenção de seus ouvintes. Estes livros são ótimas ferramentas para bibliotecários, professores de salas de leitura e contadores de história, que gostem e queiram trabalhar com questões raciais, contribuindo para a valorização da cultura africana e afro-brasileira no contexto de nossa formação identitária.

## Referências

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003.

FERRÉZ; ANTÓN, Rafael. **Amanhecer Esmeralda**. 2. ed. São Paulo: DSOP, 2014.

OLIVEIRA, Kiusam de; BORGES, Taisa. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira dos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. In: **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11, nov. 2010.

SEVCENKO, Nicolau. No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 120-135. (Coleção Tempo e Saber).

## Bibliografia complementar

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Afra e os três lobos guarás**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Cinderela e Chico Rei**. Belo Horizonte: Mazza, 2015.

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Rapunzel e o Quibungo**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Joãozinho e Maria**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2010.

MENEZES, Rafael Farias de. **Limites e possibilidade de uma visão afrocentrada a partir da obra de Ibn Khaldun**. Brasília: UnB, 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. africana, utilizando até maquiagem para esconder a pele escura em fotografias. Tal ocorrência demonstra como a força do racismo no Brasil não é algo recente.